
Supervisão e crescimento profissional

Maria do Céu Roldão

Fevereiro 2014

A solid green horizontal bar spanning the width of the slide at the bottom.

Para que serve a supervisão?

NECESSIDADE DOS SISTEMAS

Controlo (de quem sobre o quê?) Melhoria - de quê?

(administração, sistema, dirigentes, organização, processos de funcionamento e resultados...)

NECESSIDADE DOS **PROFISSIONAIS** (PROFESSORES E OUTROS)

Construção/crescimento/atualização do nosso **conhecimento profissional (de quem? Com quem? Como?)**

Melhoria da **ação profissional – **práticas** (quais? Com quem? Como?)**

Supervisão para quê? Com ou sem colaboração?...

Ninguém está à janela a ver-se passar na rua...(Auguste Comte)

....muito menos a ajuizar da elegância do andar, ou da adequação do gesto....ou da forma como atende os outros..ou da melhoria necessária..

O OLHAR

Porque precisamos de ser vistos? Para ver melhor....

Supervisão implica cruzamento de olhares

COLABORAÇÃO NA ANÁLISE

Porque precisamos de ser vistos/ver?

Porque a realidade é muito complexa

A mudança do contexto dos aprendentes – muito maiores dificuldades.

A necessidade de realizar o papel do professor:
“Ensinar ... também os que não querem aprender”(Nóvoa, 2013).

A necessidade (social e individual) acrescida de todos saírem da escola tendo aprendido o essencial do currículo – para serem incluídos de facto.

(SUPER) VER O QUÊ?

O que se faz? (descrição/discussão neutra, lista de ações) O professor é um prático?...Ou talvez não....? Um analista e intérprete da (sua) prática?..

Como se faz? (descrição/discussão da intencionalidade). O professor usa uma/várias estratégias para fazer os alunos aprender? Qual/quais? Como se exprime na aula?

Porque se faz assim? (Descrição/discussão analítica) Leitura da ação e do pensamento do professor – interrogação da teoria do professor.

Quem é **super** na supervisão?

Quem está a ver de “cima” (o conjunto, o todo) e quem está a ver “de fora”(o outro ou os outros). Por isso se espera que, nesse papel, “saiba mais” do que quem, está a ser visto, sobre o que vê..

Mas pode trocar de posição e será o inverso...

Ou ser ele próprio que se auto supervisiona (após)

Há sempre

HIERARQUIA(s), mesmo se pontuais e rotativas (de papel, de conhecimento e de posicionamento..)

MAS....

Quem inventou a aula solitária?

Supervisão e colaboração – tempo a sós com os “meus” alunos..? E tempo com vários professores dos vários/dos mesmos alunos...?

Preservação do trabalho individual – mas não isolado

Não há futuro na solidão para um profissional.

...NÃO HÁ SUPERVISÃO SEM TRABALHO CONJUNTO E CONTINUADO

Supervisão da ação (oculta, até para o próprio...) de **ensinar**

DESVELAR /DESOCULTAR

Os **porquês** e para quês do modo como ensinamos

GERAR

Através do **processo supervisivo** (auto e hetero) **mudanças ou reforços** da ação do profissional

USAR

A análise do **processo de ensinar** (que estratégia? Porquê?..) e dos **resultados** (resultou? Em quê e em que não? o que foi aprendido?)

Modalidades de **organizar supervisão entre profissionais**

Rotação de pares que se supervisionam

Grupo com supervisor

Passagens breves dos supervisores nas aulas de vários supervisionados e vice-versa – discussão naturalista (Vd Classroom Walkthrough)

Observações e preparação de discussão de aspetos focados (p.e. diferenciação de tarefas ; comunicação na aula.; organização de problemas para matemática...)

Trabalhar juntos no longo termo (um grupo, um departamento, um conselho de turma ou equipa...). Discutir o trabalho – sempre

Aperfeiçoar a docência dos mesmos conteúdos – “lesson studies” Vd John Elliott.

Co-construir um referencial ENTRE os profissionais – para uso...

Que áreas estão em causa no que se supervisiona?

Como se manifesta o que um professor faz/deve fazer em cada área? (descritores)

Que critérios emergem do trabalho observado como necessários à melhoria?

Como referenciar, de forma útil, a especificidade de cada situação dos aprendentes?

Dispositivos da organização

Temporalidade longa do processo: múltiplos encontros – foco no planejar, no realizar , no avaliar e reorientar as estratégias de ensino e a organização do trabalho.

Necessidade de **registos** (a) para **USO-** feitos a partir da observação pelos participantes, partilhados em discussão

Construção de referentes comuns (que se entende por...que critérios para..) – DISCUSSÃO SEMPRE PRÉVIA

Organização de espaços para debater todo o processo, e para retorno dos **feedbacks mútuos.**

(a) Organização de registros de apoio à supervisão

Partir das **descrições naturalistas - Confronto**

Identificar **as dimensões de ensinar** que estão presentes – estabelecer uma primeira base.

Organizar exemplos de cada dimensão a trabalhar, a partir da experiência analisada

Elaborar **uma estrutura - base de registo**, com descrição de elementos e espaço para notas.

Discussão comum dos **registos de encontros supervisivos** (acertados com o referencial , que daqui vai resultando)

Uso permanente dessa base nas discussões – **seu ajustamento**

Elementos necessários a supervisão com trabalho colaborativo

Convergência conceitual.

Acordo na definição de objetivos.

Gestão partilhada

Antecipação de **ganhos individuais e comuns.**

Tripp , 1989, cit in Alarcão e Canha (2013).

Leituras

Alarcão. I. e Canha, B. (2013). *Supervisão e Colaboração*. Porto Editora, Coleção Nova Cidine.

Revista de Investigação Educacional, 12. (2012). Dossier sobre Supervisão de M.C. Roldão, I. Gaspar, J. Formosinho, Ana Mouraz, entre outros.

Meet the editors of... *International Journal for Lesson and Learning Studies* . An interview with: Professors John Elliott and Lo Mun Ling

Moersch, C. (2012). *Classroom Walkthrough*. Loti

Kachur, D., Stout, J. e . Edwards, C. (2012) *Classroom*

Walkthroughs to Improve Teaching and Learning. NY: Eye on Education